

# Diretrizes para pregadores

## Teses de um seminário homilético

por Lindolfo Weingärtner

1. Premissa indispensável da prédica evangélica: Compreensão do texto, baseada em exegese esmerada. Se possível, uso do texto original e de comentários — eventualmente de meditações. A leitura de prédicas sobre o mesmo texto não será indicada. — A exegese levará à formulação do escôpo e ao ressaltar das partes específicas da perícope. Importa que dos frutos colhidos na exegese se constitua o “manjar” que se oferece na prédica.

2. A meditação que segue a exegese em essência constitui um diálogo do pregador com o texto bíblico. Por isso não tem caráter místico (Yoga, concentração mental, práticas budistas etc.). É antes uma luta com o texto, na qual os argumentos da descrença, dúvidas e objeções do pregador entram em choque com a mensagem bíblica. Por ser essencialmente um diálogo, uma meditação autêntica resultará em oração. Será benéfico para a prédica, se nela transparecer o diálogo mencionado.

3. A prédica deve nascer duas vezes: — uma vez na escrivadinha e outra vez no púlpito. O contato pessoal com o ouvinte é importante — não só por motivos psicológicos, mas porque a prédica é testemunho. O manuscrito é uma ajuda para um testemunho responsável — não uma amarra que prende pregador a formulações “prontas”.

4. A repetição estereotípica de lugares comuns e de assuntos prediletos do pregador — mesmo que teologicamente corretos — constitui perigo mortal para a prédica evangélica. Ela será sempre *boa nova* (não trocar com bossa nova). Fidelidade ao texto e originalidade na linguagem são os melhores meios para combater o perigo apontado.

5. A prédica quer despertar a fé e esta implica uma nova obediência. Por isso não tenhamos receio de pregar sobre textos de caráter parenético. Mas em todos os textos procuremos antes de tudo o *indicativo* (a ação de Deus), no qual se fundamenta o imperativo da perícope. Se nesta não conseguirmos encontrar tal indicativo, será preferível pregar sobre outro texto.

6. Prédica cristã é sempre testemunho da salvação em Cristo. Nunca poderá ser só análise, explicação, doutrina. Explicação e

aplicação não devem ser separadas. A atualização assim não será apenas uma parte da prédica (os últimos 3 minutos...), pois esta, em sua íntegra, será palavra de Deus atual.

7. A prédica terá uma articulação clara e não poderá prescindir de um fio vermelho lógico e teológico. A melhor forma será a homilia ou a semi-homilia. De preferência o próprio texto deve sugerir a subdivisão da prédica. No entanto, nem a própria homilia necessita seguir servilmente a seqüência dos versículos bíblicos. O pregador tem a liberdade de omitir traços periféricos e de alterar seqüências, sempre que isso resultar em benefício da ordem sistemática da prédica.

8. Não existe nenhuma lei a respeito da forma do exórdio (início) da prédica. O fator "motivação" deve ser levado em conta, porém não será superestimado. A melhor motivação será a que é menos artificial e a que, partindo do texto, visa diretamente a situação existencial do ouvinte. Poderá ser conveniente que no fim da prédica voltemos ao pensamento inicial — agora com as luzes que o texto nos forneceu; mas não faremos disso nenhum método estereotípico.

9. A linguagem da prédica será natural —; equidistante da "língua de Canã" e de um modo de falar forçadamente moderno. Expressões da gíria usaremos com o devido cuidado. Patos retórico não condiz com a natureza do evangelho. Testemunho requer **PARRESIA** — não artifícios retóricos. Não esqueçamos que a prédica é "fala", não "escrita". Não poderá ter o estilo de um artigo. — Pergunta indispensável: — Quem são os meus ouvintes?

10. As ilustrações podem ser comparadas às janelas de uma casa. Um edifício sem janelas seria inabitável. O que só consistisse de janelas não teria firmeza e consistência. Tenhamos cuidado com certo tipo de "histórias cristãs", supostamente edificantes, quase sempre provenientes de terras longínquas. Exemplos concretos, tirados da vida dos ouvintes, metáforas e parábolas colhidas em nosso próprio ambiente poderão servir-nos a evitarmos abstrações que já não dizem nada.